

pria sensibilidade, da sua relação fantasmagórica, astuta, subtil com as cidades. A rua, a passagem, a arcada, o labirinto são temas recorrentes dos seus ensaios literários, e, especialmente, no projectado livro sobre *Paris do Século XIX*, assim como nos seus textos de viagens e reminiscências (Robert Walser, para quem andar foi o aspecto central da sua vida retirada e dos seus maravilhosos livros, é um escritor a quem teríamos particularmente desejado que Benjamin tivesse dedicado um ensaio mais longo). O único livro de uma natureza discretamente autobiográfica publicado durante a sua vida chamou-se *Rua de Sentido Único*. As reminiscências do Eu são reminiscências de um lugar, e de como se coloca nele, de como navega em torno dele.

«Não conhecer bem os percursos de uma cidade não tem muito que se lhe diga», assim começa a sua *Infância em Berlim*. «Perder-se, no entanto, numa cidade, tal como é possível acontecer num bosque, requer instrução... é uma arte que aprendi tarde; ela concretizou o sonho cujos primeiros vestígios foram labirintos nos mata-borrões dos meus cadernos.» Esta passagem também aparece em *Berliner Chronik* dando Benjamin a entender que uma pessoa precisa de muita prática para se conseguir perder, dando um sentido original da «impotência perante a cidade». O seu objectivo é chegar a ser um competente leitor de mapas de ruas, que saiba como perder-se. E também situar-se, através de mapas imaginários. Num outro local da *Berliner Chronik*, Benjamin conta que durante anos acarinhou a ideia de fazer um mapa da sua vida. Para este mapa, que imaginava cinzento, tinha inventado um pitoresco sistema de sinais que «claramente marcavam as casas dos meus amigos e das minhas amigas, as salas de reunião de várias cooperativas, desde as câmaras de debates do Movimento da Juventude até aos lugares de reunião da Juventude Comunista, dos aposentos de hotel e dos prostíbulos que conheci durante uma noite, as decisivas mesas de vendedores de Tiergarten, os

*caminhos das diferentes escolas e os sepulcros que vi cheios, os lugares dos cafés prestigiosos cujos nomes, esquecidos desde há muito, diariamente passavam pelos meus lábios».* Uma vez, diz, esperando alguém no Café des Deux Magots, em Paris, conseguiu desenhar um diagrama da sua vida: era como um labirinto, em que cada relação importante surge como «uma entrada no labirinto».

Estas metáforas recorrentes de mapas e diagramas, memórias e sonhos, labirintos e arcadas, vistas e panoramas, evocam uma dada visão de cidades, assim como certos modos de vida. Paris, escreve Benjamin, «ensinou-me a arte de perder-me». A revelação da verdadeira natureza da cidade não surgiu em Berlim mas em Paris, onde permaneceu muitas vezes durante os anos de Weimar e onde viveu como refugiado desde 1933 até ao seu suicídio quando tentava fugir de França, em 1940; mais exactamente o Paris reimaginado nas narrativas surrealistas (*Nadja*, de Breton, *Le Paysan de Paris*, de Aragon). Com estas metáforas, indica um problema geral acerca da orientação, e levanta uma norma de dificuldade e complexidade (um labirinto é um local onde nos perdemos). Também está a sugerir uma noção sobre o proibido e como ter acesso a ele: através de um acto do espírito que é idêntico a um acto físico. «Redes inteiras de ruas foram abertas sob os auspícios da prostituição», escreve em *Berliner Chronik*, que começa invocando uma Ariadne, a prostituta que conduziu este filho de pais ricos pela primeira vez através «dos umbrais das classes». A metáfora do labirinto sugere também a ideia de Benjamin de que há obstáculos levantados pelo próprio temperamento.

A influência de Saturno torna as pessoas «apáticas, indecisas, lentas» escreve em *Origem do Drama Barroco Alemão* (1928). A lentidão é uma característica do temperamento melancólico. A desorientação é outra, na medida em que ele está